



Co-funded by
the European Union



Stories 4

empowerment

2023-1-IT02-KA220-ADULT-000159380

**Trabalhar o valor:
CRIATIVIDADE**



ÍNDICE

Trabalhar o valor: Criatividade.....	03
“A raposa e as uvas”	04
Trabalhar o valor: Criatividade.....	05
“O homem que contava histórias”.....	07
Trabalhar o valor: Criatividade.....	09
“O pastor mentiroso”.....	10
Trabalhar o valor: Criatividade.....	11
“Sopa da Pedra”.....	12
Trabalhar o valor: Criatividade.....	13
“Sopa de Pedra”.....	14



Trabalhar o valor: Criatividade

A história destaca o valor da criatividade. A criatividade entra em jogo quando temos de resolver um problema, porque é a capacidade que nos permite avaliar outras opções com imaginação.

“A raposa e as uvas”

Era uma vez uma raposa esfomeada que vagueava pela floresta à procura de comida quando, a certa altura, viu uns cachos de uvas grandes e bonitos pendurados numa árvore. Decidiu que seriam a sua refeição, mas por mais que tentasse alcançá-los saltando, não conseguia apanhá-los. No final, desconsolada, afastou-se, dizendo para si própria: “Ainda bem que eram uvas verdes”. Assim também, entre os homens, alguns, não conseguindo atingir os seus objectivos por fraqueza, culpam as circunstâncias.



Trabalhar o valor: Criatividade

Reescrever “O Homem que Contava Histórias” para enfatizar a criatividade é importante porque permite a exploração da forma como as histórias moldam a identidade, o significado e a cultura. Ao visitar a narrativa de Wilde com novas perspectivas, aprofundamos a nossa compreensão da criatividade como uma força evolutiva e participativa. O ato de reescrever convida a novas interpretações, desafia os limites da estrutura narrativa e oferece um espaço para a expressão pessoal e colectiva. Destaca a natureza fluida da criatividade - como pode transformar histórias antigas em novas formas e inspirar continuamente novas perspectivas sobre a experiência humana. Nesta história, o valor da criatividade pode ser aplicado de várias formas. Por um lado, há a imaginação transbordante, ou seja, o sábio da história é capaz de criar histórias fascinantes e surpreendentes a partir da sua própria imaginação. Mesmo que não tenha visto de facto um fauno ou sereias, a sua capacidade de inventar estas cenas fantásticas demonstra um nível extraordinário de criatividade. Este facto realça a importância de dar largas à imaginação e de explorar novos mundos imaginários para inspirar a criatividade na nossa própria vida. Por outro lado, através das suas histórias, o sábio oferece uma perspectiva única e criativa do mundo que o rodeia. Em vez de se limitar a contar o que vê fisicamente, interpreta o que o rodeia de uma forma imaginativa e poética, criando uma experiência emocionante para quem o ouve.

Isto recorda-nos que a criatividade não consiste apenas em gerar novas ideias, mas também em ver o mundo a partir de perspectivas novas e originais. Por último, a reviravolta no enredo, nomeadamente o facto de o homem ter inventado as histórias para entreter as pessoas e, depois, se deparar com as criaturas que tinha descrito nos seus contos, significa que a criatividade pode levar-nos a explorar o desconhecido e a descobrir novas possibilidades no mundo que nos rodeia. Assim, isto dá-nos espaço para sermos corajosos na nossa exploração da imaginação e para não termos medo do desconhecido.

Oscar Wilde

“O homem que contava histórias”

Esta história passa-se numa pequena aldeia no meio da floresta e de frente para o mar, onde vivia um sábio que saía da aldeia todas as manhãs e voltava à noite para contar histórias fantásticas aos aldeões que o ouviam atentamente.

Quando o sábio regressava, perguntavam-lhe com insistência:

-Diga-nos, o que é que viu hoje?

Ao que ele respondia com a sua voz suave e lenta:

-Vi um fauno a tocar uma bela melodia na sua flauta e a obrigar um grupo de silvanos a dançar em círculo.

-E que mais viste? perguntavam insistentemente os aldeões ao sábio.

Vi três sereias enquanto caminhava à beira-mar, todas elas belas criaturas que penteavam os seus cabelos verdes com um pente de ouro.

Estas histórias fascinavam todos os habitantes da aldeia, desde as crianças aos adultos e até aos idosos. É por isso que todos os aldeões o apreciavam acima de todos os outros aldeões.

Uma manhã, o contador de histórias foi de novo para o mar e viu três sereias à beira das ondas, que penteavam os seus longos cabelos verdes com um pente de ouro.

Assustado, o homem voltou à floresta para regressar a casa, e aí viu com os seus próprios olhos um fauno a tocar delicadamente a sua flauta e a fazer dançar com ele um grupo de dançarinas silvestres.

Quando regressou à aldeia nessa noite, todos os habitantes lhe perguntaram, como de costume, o que tinha visto, ao que ele respondeu

-Não vi nada.

Este conto de Oscar Wilde é um dos mais surpreendentes e imaginativos do génio irlandês e fala-nos de aparências, de mentiras e de como

nem tudo é sempre o que parece.





Trabalhar o valor: Criatividade

O pastor mentiroso da história é capaz de criar histórias fascinantes e surpreendentes a partir da sua própria imaginação. Mesmo que não tenha visto de facto um lobo, a sua capacidade de inventar estas cenas fantásticas demonstra um nível extraordinário de criatividade. Este facto realça a importância de dar largas à imaginação e de explorar novos imaginários, mas, por outro lado, demonstra a confiança entre os cidadãos e, quando é necessária ajuda, a criatividade deve ser preservada, o que demonstra honestidade e verdade nas vidas.

“O pastor mentiroso”

Era uma vez um pastor que tinha um rebanho com alguns problemas e um redil fora da sua aldeia. Todas as manhãs, levava as ovelhas para uma colina verdejante perto do redil e deixava-as servir-se em paz. Normalmente, passava o tempo a tocar a sua flauta, mas um dia esqueceu-se dela no redil. Não tendo nada para fazer, pensou em pregar uma partida aos seus companheiros de aldeia. Por isso, subiu a uma rocha e começou a gritar na direção da aldeia: Ajudem os outros aldeões. Os lobos comem as minhas ovelhas. Corram. Ajudem! Os homens da aldeia agarraram no que encontraram à sua frente e correram para ajudar o pastor, que assim que os viu começou a rir-se da sua situação. O pastor, ao que parece, achou muita graça ao que estava a fazer, pois repetiu a cena mais algumas vezes e, de cada vez, os seus companheiros de aldeia correram para o ajudar. Ajudar os outros aldeões. Os lobos comem as minhas ovelhas. Corram. Ajudem! Mas ninguém o foi ajudar, porque todos pensaram que, mais uma vez, ele queria rir-se deles. Desta vez, os únicos que se riram foram os lobos. Encontraram comida de primeira e comeram-na em paz. Só uma pessoa que estava por perto gritava qualquer coisa mas, como se sabe, os lobos não conhecem a língua humana para perceber o que ele dizia e, por isso, continuaram a comer sem serem incomodados.



Trabalhar o valor: Criatividade

A história realça a importância da criatividade. Tanto o vendedor ambulante como as pessoas tinham o problema da escassez de alimentos, mas com uma ideia criativa, ele resolveu-o de forma a que, durante uma noite, todos pudessem comer juntos.

Autor: Transmitido oralmente

“Sopa da Pedra”

Era uma vez, algures na Europa de Leste, uma grande fome. As pessoas acumulavam, a contragosto, toda a comida que encontravam e até a escondiam dos seus amigos e vizinhos. Um dia, um vendedor ambulante chegou a uma aldeia na sua carroça, vendeu algumas das suas mercadorias e começou a fazer perguntas às pessoas, dando a entender que queria passar lá a noite.

“Não há um único bocado para comer em toda a vizinhança”, disseram-lhe. “Seria melhor se te fosses embora.”

“Oh, eu tenho tudo o que preciso”, disse o vendedor ambulante. “Na verdade, pensei em fazer uma sopa de pedra e convidar-vos a todos.” Tirou então um caldeirão de ferro da sua carroça, encheu-o de água e fez uma fogueira por baixo. Depois, tirou solenemente uma pedra simples do seu saco de veludo e colocou-a na água.

Por esta altura, a maior parte dos aldeões já tinha aparecido na praça ou estava a olhar pelas janelas, porque tinham ouvido a conversa sobre a comida. À medida que o vendedor ambulante cheirava a “sopa” e uma alegre expectativa cruzava os seus lábios, a fome começou a vencer a desconfiança dos aldeões.

“Ah”, disse o vendedor ambulante bem alto para si próprio, “adoro uma sopa de pedra saborosa. Claro, uma sopa de pedra com couve, isso seria certamente difícil de bater”.

Pouco tempo depois, um aldeão veio a correr com uma couve do seu esconderijo e colocou-a no caldeirão. “Ótimo”, exclama o vendedor ambulante. “Sabes, uma vez até comi uma sopa de pedra com couve e um pedaço de carne salgada. Era digna de um rei”.

O talhante da aldeia arranjou então um pouco de carne salgada..., e assim continuou com batatas, cebolas, cenouras, cogumelos, e assim por diante, até que realmente tiveram uma refeição deliciosa para todos. Os habitantes da aldeia ofereceram ao vendedor ambulante muito dinheiro pela sua pedra mágica, mas ele recusou e seguiu viagem no dia seguinte. A partir dessa altura, muito depois de a fome ter acabado, as pessoas pensaram na sopa mais deliciosa que alguma vez tinham comido.



Trabalhar o valor: Criatividade

É fácil reconhecer a criatividade nesta história. Como se trata de uma história tradicional passada em tempos antigos, os participantes têm a oportunidade de pensar em personagens e situações de conflito ou indecisão actuais e encontrar formas criativas de as resolver utilizando estas competências.

Nesta história, o objeto é importante e pode ser qualquer outra coisa, como sugerido pelo facilitador.

“Sopa da Pedra”

Era uma vez, numa pequena aldeia em Portugal, tempos difíceis. Não havia muita comida e os aldeões estavam a lutar para sobreviver. Todos escondiam o pouco que tinham, com medo de ficarem sem comida se a partilhassem com os outros.

Um dia, chegou à aldeia um viajante cansado. Era um monge e trazia apenas um pequeno saco às costas. Andava há dias e tinha fome, mas quando bateu à porta dos aldeões a pedir comida, todos disseram a mesma coisa: “Lamento, mas não temos nada para dar”.

O monge pensou por um momento e decidiu dar uma lição aos aldeões de uma forma inteligente. Dirigiu-se ao centro da aldeia e acendeu uma pequena fogueira. Do seu saco, tirou uma panela, encheu-a de água e colocou-a sobre as chamas. Depois, com muito cuidado, tirou uma pedra lisa e deixou-a cair na água.

Os aldeões ficaram curiosos. Um a um, saíram das suas casas para ver o que o estranho estava a fazer. Uma delas, uma mulher, aproximou-se dele e perguntou: “O que estás a cozinhar?”

“Ah”, disse o monge, “estou a fazer sopa de pedra. Vai ser deliciosa”.

“Sopa de pedra?” perguntou a mulher, intrigada. “Como é que se pode fazer sopa a partir de uma pedra?”

“Bem”, o monge sorriu, “é uma pedra especial. Mas podia usar um pouco de sal e talvez algumas ervas para realçar o sabor”.

A mulher, ansiosa por ver como uma pedra se podia transformar em sopa, voltou a casa e regressou com uma pitada de sal e uma mão cheia de ervas secas. O monge agradeceu-lhe e juntou-as à panela, mexendo lentamente.

Quando a água começou a ferver, juntaram-se mais aldeões. “O que é isso que está a fazer?”, perguntou um dos homens.

Sopa de pedra”, disse o monge.

“Está quase pronto, mas sabe, ficaria ainda melhor com alguns legumes. Uma cenoura ou uma batata ficariam perfeitas”.

O homem pensou durante um segundo, depois foi a correr para casa. Voltou com um par de cenouras e uma batata. O monge cortou-as em pedaços e deitou-as na panela.

O cheiro da sopa começou a espalhar-se pela aldeia e, em breve, mais pessoas vieram ver o que estava a acontecer. O monge continuava a mexer a panela e a sorrir. “Esta sopa de pedra é mesmo qualquer coisa”, disse ele. “Mas se ao menos tivéssemos um pouco de carne, talvez uma rodela de salsicha ou um pouco de frango, seria um verdadeiro banquete!”

Outro aldeão, curioso e desejoso de provar esta estranha sopa, foi a casa e trouxe um pedaço de salsicha. Foi para a panela.

Enquanto a sopa fervilhava, o monge provou-a e sorriu. “Ah, está quase pronta. Só mais um pouco e teremos o suficiente para partilhar com todos.”

Por esta altura, toda a aldeia estava reunida à volta da panela, observando o monge enquanto ele mexia. Não conseguiam acreditar que aquilo que começou por ser uma panela de água com uma pedra se estava a transformar numa refeição saudável.

Passado algum tempo, o monge deitou a sopa em tigelas e distribuiu-as pelos aldeões. Sentaram-se todos juntos e começaram a comer. A sopa era rica e saborosa, cheia de legumes, ervas e chouriço que tinham acrescentado.

Enquanto comiam, os aldeões falavam e riam, partilhando histórias e desfrutando da companhia uns dos outros. Era a primeira vez em muito tempo que se juntavam todos assim.

Quando a refeição terminou, um dos aldeões perguntou ao monge: “Mas e a pedra? Nunca a tiraste”.

O monge sorriu e disse: “Ah, a pedra. É apenas uma pedra normal, mas a magia da sopa vem do facto de todos partilharem o que têm. É isso que a torna tão saborosa”.

Os aldeões aperceberam-se da lição que o monge lhes tinha ensinado. Trabalhando em conjunto e partilhando o pouco que tinham, todos podiam ter mais do que o suficiente.

A partir desse dia, ficaram mais dispostos a ajudarem-se mutuamente e nunca mais esqueceram o viajante que fez uma sopa deliciosa com uma simples pedra.



Licença gratuita

O produto aqui desenvolvido como parte do projeto Erasmus+ “Stories for empowerment 2023-1-IT02-KA220-ADULT-000159380” foi desenvolvido com o apoio da Comissão Europeia e reflete exclusivamente a opinião do autor. A Comissão Europeia não é responsável pelo conteúdo dos documentos.

A publicação obtém a licença Creative Commons CC BY- NC SA.



Esta licença permite-lhe distribuir, remisturar, melhorar e desenvolver a obra, mas apenas de forma não comercial. Ao utilizar a obra, bem como extractos da mesma, deve:

1. Ser mencionada a fonte e uma hiperligação para a licença, bem como eventuais alterações. Os direitos de autor permanecem com os autores dos documentos.
2. A obra não pode ser utilizada para fins comerciais.
3. Se recompor, converter ou desenvolver a obra, as suas contribuições devem ser publicadas ao abrigo da mesma licença que a original.

Declaração de exoneração de responsabilidade

Financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e opiniões expressos são, no entanto, da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es) e não reflectem necessariamente os da União Europeia ou da Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser responsabilizadas pelas mesmas.